



Individuação e produção de singularidade: as perspectivas de Simondon e Heidegger

Por: Ronaldo da Costa Formiga¹

roncostaf@uol.com.br

Resumo

Este artigo visa discutir o processo de produção de singularidade associado ao tema da angústia sob a ótica de dois autores: Simondon e Heidegger. Simondon compreende a individuação e a singularidade presa à ontogênese e a angústia como definindo o percurso inverso da ontogênese. Heidegger vai estabelecer a angústia como condição para a singularidade. A angústia, na proposta de Heidegger é um caminho para a ontogênese.

Palavras-chave: Individuação; Singularidade; Angústia.

Resumo

Tiu artikolo diskutas la unikeco de la procezo de produktado asociita kun la temo de angoro de la perspektivo de du aŭtoroj: Simondon kaj Heidegger. Simondon konsistas individuation kaj unikeco al kroĉita al ontogenezaj kaj angoro kiel difini la inversa vojo de ontogênese. Heidegger fortikigos angoro kiel kondiĉo por singularidade. A angoro, en Heidegger propono estas maniero ontogenezaj.

Ŝlosilvortoj: *individuation; specialaĵo; Angoro.*

Abstract:

This article aims at a discussion about the process of the production of singularity associated to the theme of anxiety under the optics of two authors: Simondon and Heidegger. Simondon understands individuation and singularity associated to onthogenesis and anxiety on an inverse proportion to onthogenesis. Heidegger states anxiety as a condition to singularity. Anxiety, in Heidegger's proposal, is a path to onthogenesis.

Key-words: *Individuation; Singularity; Anxiety*

¹ É Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Graduado em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula – USU e Graduado em Sociologia e Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/ RJ. É servidor público estadual, docente de Sociologia, lotado no Instituto de Educação e Ensino Superior – ISERJ, atuando no Departamento de Pedagogia, nas disciplinas de Sociologia Geral, Sociologia da Educação e Antropologia. Atua como docente na Universidade Veiga de Almeida – UVA/ RJ, lecionando as disciplinas de Sociologia, Antropologia, Sociologia e Antropologia da Nutrição, História da Cultura, Tópicos Especiais em Cultura Organizacional, Sociologia Geral e Jurídica, Antropologia do Consumo, Antropologia Cultural e Relações Étnico-raciais, Cultura Brasileira e Comunicação e Formação Social Brasileira. É docente na mesma instituição da Graduação em Ensino a Distância, lecionando Sociologia, Antropologia e Antropologia Cultural. Atua na Linha de Pesquisa “Aprender nas ruas: cidade como lugar de educação”. É revisor do periódico “Ciência e Luta de Classes”. É autor de artigos científicos na mídia científica nacional e autor do livro “Comunicação e erotismo: o masculino na era digital” (2013).



Indeterminação, angústia e individuação em G.Simondon

G.Simondon traz uma interessante discussão sobre a produção de singularidade relacionada ao tema da angústia em sua obra "*L'individuation psychique et collective: à la lumière des notions de forme, information, potentiel et metastabilité*" (Paris, Aubier, 1989). Por outro lado, encontramos, também em Heidegger, em sua obra "O Ser e o Tempo" (vol.I, Ed.Vozes, Petrópolis, RJ,1997, 6ª edição) uma outra leitura acerca da referida relação.

Apresentarei, abaixo, uma comparação das duas abordagens, sabendo, previamente, que ambas trazem, pela própria referência à questão da angústia, uma discussão que, mesmo que indiretamente, pode ser aproximada ao que foi mencionado, em Hume, como a singularização do sujeito via afetividade.

A angústia, em Simondon, é essencialmente, indeterminação, isto é, ela é contrária ao processo de individuação ("o ser individuado no aqui e agora"). Ela é, ao mesmo tempo, difusa e leva o sujeito a sentir sua divisão enquanto natureza pré-individual e ser individuado. O sujeito na angústia revela-se incapaz de se refugiar em sua individualidade e, neste sentido, torna-se "sujeito negado". No entanto, na mesma medida em que a negação do sujeito ocorre, ele se sente reafirmado, porém por um caminho inverso às noções de interioridade, consciência, etc. O que temos na angústia é um movimento de expansão, isto é, um inchaço, uma dilatação sem limites, processo este que não acontece sem a experiência da dor psíquica. Seria através deste movimento "para fora", em que a interioridade se torna uma espécie de "vácuo" inoperante para delimitar a individualidade que a angústia, para Simondon, poderia produzir uma metamorfose no sujeito.

A ideia de um novo nascimento indica uma transfiguração do ser individuado a partir do caos que se estende ao seu redor enquanto aprisionado à angústia. No entanto, não é uma transfiguração que singularize, mas, ao contrário, mantém o sujeito "em aberto", sem as âncoras do "ser individuado".

Necessária quando se busca uma unidade (que nos concederia um perfil psicológico condizente com uma subjetividade) é suprimida na angústia. O que se observa, quando atravessados pela angústia, é a recusa em suportar tal mediação, portanto, uma rejeição da espera inerente à mesma. Procura-se uma solução imediata, que nos leve diretamente à individualidade e a partir do preindividual, o que conduz, assim à supressão do coletivo. Sentir a divisão entre sua natureza preindividual e sua individualidade é o caminho, portanto, inicial para o processo da angústia, mas que, ao mesmo tempo, leva à fusão, no interior do ser, entre ambos os aspectos. Fusão imediata, como já foi mencionado, e que permite às estruturas e funções do ser individuado uma dilatação (fruto da sua interpenetração), que faz com que o individuado desenvolva o que o autor qualifica como um "poder de ser sem limites". Temos, assim, uma invasão do individuado pelo preindividual e poderíamos mesmo dizer uma invasão súbita que torna a angústia distinta de um simples sentimento ou emoção. Enquanto sentimento, a angústia apenas indicaria a possibilidade de um desligamento entre a natureza associada ao ser individuado e este ser individuado, mas a angústia transcende uma mera percepção da referida divisão; na verdade, ela conduz à consciência da indeterminação. Ela confunde, por assim dizer, os dois estados e abre ao sujeito possibilidades infinitas que a individualidade necessariamente restringe. De acordo com Simondon, com a angústia o que se tem é a recuperação da potencialidade de outros "aqui e agora" se fazerem presentes, portanto, implodindo a tênue segurança do "ser individuado". Neste momento, a angústia é emoção, porque "ação surda e oculta", que não é a individuação do coletivo e que demanda ao sujeito a busca da unificação que jamais será atingida (pelo menos enquanto a angústia persistir).



Um outro aspecto importante na discussão sobre o par angústia/individuação em sequência ao que comentamos acima é o que ocorre como resultado da indeterminação provocada pela angústia. Se esta última impede a individuação, ela cria o que o autor chama de um “contra-sujeito universal”. Este contra-sujeito universal que se desenvolve é como uma noite que constitui o ser mesmo do sujeito em todos os seus pontos, afirma Simondon.

A perda da interioridade e a concomitante dilatação do sujeito (uma dilatação dolorosa) indica que o sujeito, na angústia, está em todo lugar e, simultaneamente, em lugar nenhum. O sujeito não individuado se torna coextensivo ao ser, isto é, ele se espacializa e se temporaliza. Em resumo, ele se torna “mundo descoordenado”. Uma espécie de “aderência passiva” ao mundo e do mundo a ele o torna não localizado e o leva ao sofrimento, que, por sua vez, pode indicar a trilha para uma nova subjetividade (um “além ontológico” onde teríamos uma mudança das dimensões inerentes ao sujeito). Voltaremos a esta noção mais adiante quando colocarmos a ideia de Simondon quanto à possibilidade da angústia tender à transformação do ser sujeito. Neste momento interessa pensar de que maneira podemos compreender a proposta do autor segundo a qual o ser angustiado “se troca com o universo”, “mergulha nas dimensões do universo”.

Inicialmente, temos, mais uma vez, a ideia de um repúdio à relação transindividual, condição básica da individuação. Contactar o universo na angústia é, portanto, superar o tradicional acesso à individuação pelo coletivo. Estar “em fusão” com o universo na angústia não requer, também, vivenciar a ação e a emoção correlativa das ações próprias à relação transindividual. Trata-se, assim, de um movimento essencialmente desconhecido para o sujeito, algo da ordem do inusitado que produz, obrigatoriamente uma destruição. Do que estamos falando quando mencionamos destruição? Destruição de uma individualidade constituída, dissolução de antigas estruturas e “redução em potencial” das antigas funções. Destruição, implosão de uma realidade psíquica familiar ao sujeito.

Chegamos, então, à própria desconstituição do “tempo”. O mergulho no passado e no futuro dissipa a trama do presente e lhe retira sua densidade de coisa vivida, como afirma Simondon. O ser individual foge, deserta-se. Na angústia, então, não temos mais o conhecido percurso dimensional que permite que o ser individuado se indague acerca de seus problemas perceptivos e afetivos. Ao contrário, as significações se invertem e as noções de distância e proximidade são relativizadas. O tempo, na angústia, é, portanto, fluxo, no sentido de uma não-sequencialidade dos fatos e/ou fenômenos. “As coisas próximas parecem longínquas, sem elo ao atual, enquanto que os seres longínquos são bruscamente presentes e todo-poderosos.” (Simondon, op.cit., p.113). Temporalidade reconstituída, espacialização crescente, aderência sujeito/mundo: eis as principais características do ser angustiado, de acordo com Simondon. “Não há mais mundo ou problema que não seja problema do sujeito”(op.cit.,p.112).

Neste contexto teórico, como, então, podemos pensar a individuação através da angústia? Já respondemos, no início deste trabalho, negativamente a esta hipótese. No entanto, o autor insiste na possibilidade de uma nova subjetividade (ou uma nova individuação no interior do próprio ser, uma metamorfose) pela angústia. Para tal, ela teria, antes de tudo, que ser suficientemente “suportada”, “vívda”. Ao término do processo de angústia (se é que é possível falarmos em angústia concluída), na verdade, o que teríamos é o recomeço do mesmo processo. “A angústia é partida (fuga) do ser” (op.cit.,p.114).

Poderíamos acrescentar às características acima referidas, o direcionamento do sujeito a uma “individuação desconhecida”. Esta seria a única condição de admitirmos, seguindo nosso autor, a produção de uma subjetividade via angústia. Na verdade, na medida em que a angústia prevê a submissão do ser individuado à natureza preindividual, ela admite apenas a ideia de uma destruição da individualidade e, portanto, torna-se avessa a participar em uma nova individuação. Por outro lado, por proporcionar uma modificação permanente no sujeito, sem limitá-lo individualmente, não deixa de ser, acreditamos, uma possibilidade, mesmo que contraditória de individuação. Por outro lado, por proporcionar uma modificação permanente no sujeito, sem limitá-lo individualmente,



não deixa de ser, acreditamos, uma possibilidade, mesmo que contraditória, de individuação. Permanece, no entanto, um estado, isto é, transformação permanente na medida em que o intermediário do coletivo está ausente. Afirmar que a angústia subsiste enquanto estado pode significar impossibilidade de individuação: esta é a conclusão de Simondon. De qualquer modo, atravessar a destruição da individualidade indo em direção a uma individuação enigmática, porque nova, revela, pensamos, um caminho possível para uma concepção alternativa do que seja o processo de individuação.

Citando o autor:

“ O sujeito, na angústia, sente que ele não age como deveria, que ele se afasta cada vez mais do centro e da direção da ação; a emoção se amplifica e se interioriza. O sujeito se afasta da individuação ainda sentida como possível; ele percorre as vias inversas do ser. A angústia é como o percurso inverso da ontogênese. Ela desfia o que foi tecido. A angústia caminha no sentido contrário em todos os sentidos.” (op.cit., p.114)

A hipótese de Simondon de que a angústia seria o percurso inverso da ontogênese condiz com o que ele supõe ser a relação entre o princípio de individuação e a individuação propriamente dita. Para o autor, a individuação pressupõe um princípio, o que a define como sendo basicamente ontogênese, isto é, o referido princípio será capaz de explicar os caracteres do indivíduo, sem relação com outros aspectos do ser que poderiam ser correlativos do surgimento de um real individuado. Na verdade, como acabamos de ver, a angústia não produziria especificamente, segundo Simondon, individuação (exceto a hipótese já mencionada de uma individualidade desconhecida), a angústia desfaz o que está constituído. O princípio da individuação prefigura a individualidade; ele é, portanto, condição para esta última. A gênese do indivíduo com seus caracteres definitivos supõe, então, uma ontogênese invertida na medida em que supõe a existência de um termo primeiro: o princípio. O princípio da individuação carregaria em si o que explica o indivíduo como tal e o definiria, previamente, em sua particularidade. De qualquer modo subsiste a diferença para com a angústia, que precede a destruição da individualidade constituída. Poderíamos, então, com base nas colocações de Simondon, afirmar que a angústia seria um princípio de desconstituição de individualidades, o que a aproxima do princípio de individuação unicamente enquanto “termo primeiro” que antecede a individualidade e que, no caso da angústia, não finaliza o processo de individuação, ao contrário, deixa-o em aberto.

A tese de Simondon relativa à individuação implica a existência de três termos fundamentais, quais sejam, o princípio de individuação, a operação da individuação e o indivíduo constituído. Sua hipótese é que devemos considerar como elemento primordial a operação de individuação a partir da qual o indivíduo passa a existir. O indivíduo, em seus caracteres, reflete o desenrolar da operação de individuação. Temos, então, uma sucessão em que o indivíduo é o ponto de chegada. No entanto, Simondon estabelece uma equação entre o ser preindividual e a individuação, o que torna a constituição da individualidade uma realidade relativa; assim, o indivíduo deixa de ser o término de uma operação para se tornar um dos momentos possíveis desta mesma operação.

Vejamos como podemos compreender a equação mencionada acima. Em primeiro lugar, o ser preindividual é concebido como o ser no qual não existem fases, isto é, esta realidade primeiro seria um ser completo, apesar de se caracterizar por potencialidades e por uma certa incompatibilidade em relação a si mesmo (incompatibilidades feitas de forças de tensão e de uma impossibilidade de interação entre termos extremos de dimensões que lhe constituem). A plenitude originária, porém, contraditória (e aqui se inscreve a noção de devir), é o solo a partir do qual a operação de individuação se estabelece e, concomitantemente, a própria individuação. Esta última corresponde, então, ao aparecimento de fases no ser que são, na verdade, fases “do” ser. O termo



ontogênese, em Simondon, está referido à própria ideia de devir como uma dimensão do ser, isto é, aquilo que, fundamentalmente, o constitui. O ser preindividual busca a sua decomposição em fases (e neste momento, o devir ontogenético surge como mediação) e, neste movimento, que lhe é inerente, o indivíduo emerge como realidade, embora sempre uma realidade relativa. Impossível, com base neste pressuposto, supor uma oposição ser/devir. O caráter de relatividade da individuação ocorre, então, na medida em que o indivíduo não é a totalidade do ser (ele é apenas um momento, uma "fase" deste último) e, também, porque ele é o resultado de um estado do ser (onde o indivíduo não é a totalidade do ser (ele é o resultado de um estado do ser onde o indivíduo não existia nem enquanto tal, nem como princípio de individuação)). Por outro lado, o indivíduo, enquanto correspondente ao surgimento de uma fase do ser, apenas revela a riqueza potencial da realidade pré-individual, além de emergir enquanto par indivíduo-meio.

Simondon supõe, então, um momento primeiro onde o ser é homogêneo e, portanto, sem devir, a partir de cuja saturação caminha no sentido de sua divisão. O indivíduo é, para o autor, o próprio processo de esfacelamento desta realidade originária autocontida que se revela incapaz de se manter enquanto tal; ela precisa, em função dos potenciais que lhe constituem, abrir-se a esta abertura e o devir que torna possível o indivíduo como um momento, entre outros, de uma realidade que, inicialmente, é contraditoriamente homogênea (na medida de suas tensões).

A individuação é, assim, o devir, ou seja, a operação da individuação. Eis porque Simondon ressalta a importância deste elemento em relação aos outros dois (o princípio e a própria individuação). Toda sua análise está centrada, desta maneira, sobre o devir com a estrutura do ser.

O devir é, assim, ao mesmo tempo, solução das tensões que inerem ao ser preindividual e preservação destas tensões sob a forma de estrutura (o que torna o ser uma permanente troca entre automanutenção e decomposição). Entendemos a afirmativa de Simondon de que "o ser se conserva através do devir" como sendo este último a estrutura do ser, conforme já mencionado.

Podemos, então, estabelecer a ontogênese em Simondon como o devir (do ser). O ser se desdobra e se decompõe em fases: a individuação, enquanto unidade e identidade, é apenas uma das fases do ser, sempre posterior à operação da individuação. O ser não é, portanto, uma substância, uma matéria ou forma, mas um sistema tenso, acima do nível da unidade e que não consiste apenas em si mesmo. O ser "se abre" para unidades (individuação) que, por sua vez, remetem ao ser como realidade primeira. Cada unidade, isto é, cada individualidade constituída é, creio podermos afirmar, um "reflexo" do ser na medida em que aponta para a operação que a fez existir. Ao mesmo tempo, a individualidade não é uma mônada, pois supõe, sempre, a relação com o meio, o que lhe concede o caráter de uma realidade heterogênea.

Quando comentamos acerca da angústia como sendo uma invasão do individuado pelo preindividual, estávamos, então, reafirmando a noção de que, para Simondon, a angústia não singulariza, uma vez que ela promoveria uma suspensão da ideia de unidade/ identidade (que a individualidade requer) trazendo à consciência a própria percepção do devir e da fluidez que constituem o ser (a realidade preindividual) e, portanto, levando o sujeito a perder a referência (a identidade) que lhe trazia a aparente "segurança" que a noção de indivíduo enquanto substância supõe. É neste sentido que Simondon, cremos, coloca que, na angústia, o sujeito adere ao mundo. Ele sofre este processo porque ele tem uma súbita percepção da operação de individuação, que é a natureza pré-individual. Ele é tudo e nada ao mesmo tempo; ele está em todo lugar e em nenhum lugar. O ser angustiado, como vimos, percebe momentaneamente (ou, pelo menos, enquanto a angústia persistir) o devir como a estrutura do ser e, deste modo, se desindividualiza. É como se tivéssemos uma repentina percepção do movimento giratório do planeta e, deste modo, fôssemos incapazes de obter a sensação de fixidez de que o organismo necessita. Na angústia, a transitoriedade supera a



permanência, isto é, de acordo com Simondon, o devir do ser se faz mais evidente e torna a individualidade incapaz de revelá-lo, o que a anula, mesmo, que provisoriamente.

Singularização e angústia em Heidegger

Passaremos, agora, a uma outra perspectiva teórica acerca do fenômeno da angústia. Estaremos apresentando a concepção de Heidegger sobre o citado fenômeno e procurando ver de que maneira podemos admitir a ideia de que, no pensamento de Heidegger, a angústia, contrariamente a nossa discussão anterior, singulariza.

De acordo com o filósofo Heidegger, a angústia seria uma disposição privilegiada para a explicitação do ser da pré-sença. A analítica existencial da presença tem esta tarefa e busca "uma das possibilidades de abertura mais abrangentes e mais originárias dentro da própria pré-sença". Para chegar a uma análise da angústia enquanto a referida disposição que leva a pré-sença a se colocar diante de si mesma, Heidegger parte de considerações relativas à decadência. Afirma o autor: "Imergir no impessoal junto ao "mundo" das ocupações revela que a pré-sença foge de si mesma como seu próprio poder-ser propriamente" (Heidegger, M.O Ser e o Tempo, vol.I, pag.247).

O fenômeno da fuga de si mesmo revela que a pré-sença não se coloca diante de si mesma. No entanto, "é justamente daquilo que foge que a presença corre atrás"(ibid, p.247). É porque, através de sua abertura constitutiva, a pré-sença se coloca diante de si mesma, que ela pode fugir de si mesma(fenômeno da decadência). Por este intermédio, isto é, no desvio de si mesma, afirma Heidegger, descortina-se o "pré-da pré-sença". Heidegger busca apreender , através do desvio ôntico-existenciário, a experiência ontológica da pré-sença que se abre nesse mesmo fenômeno da de-cadência. Nesse caso, a interpretação não se expõe a uma auto-apreensão artificial da pré-sença. Ela realiza apenas a explicação daquilo que a própria pré-sença abre onticamente."(op.cit.,p.248).

E é aí que a angústia se inscreve, para Heidegger, como a disposição privilegiada para se chegar ao ser da pré-sença . Heidegger, portanto, crê, diferentemente do que foi exposto anteriormente neste artigo, que a angústia é um caminho (ou que fornece a condição) para uma ontogênese.

Dentro de sua preocupação em distinguir angústia e temor, Heidegger coloca que o desvio próprio à de-cadência se diferencia de algo intramundano, ou seja, o desvio da de-cadência se funde na angústia, na medida em que nesta a ameaça é indeterminada, enquanto que o temor supõe um ente que vem ao encontro dentro do mundo, e, portanto, "possui o modo de ser do manual ou do ser simplesmente dado ou ainda da co-presença". No temor, a ameaça é determinada.

Heidegger chega, em seguida, à relação por ele suposta entre o que ele define como fuga de-cadente de si mesma, inerente à pré-sença e a constituição fundamental da pré-sença : o ser-no-mundo. "Aquilo com que a angústia se angustia é o ser-no-mundo como tal" (op.cit.,p.249).

Se a angústia não se angustia com um ente intramundano, como já foi mencionado acima, não existe, para Heidegger, a possibilidade com um ente intramundano uma conjuntura essencial, isto é, retornamos ao caráter de indeterminação da angústia. A ameaça, aqui, não diz respeito a um possível dano determinado em relação ao ameaçado; o que se observa é que, para Heidegger, na angústia (e através de sua indeterminação) o ente intramundano é indefinido, mas, sobretudo, irrelevante, "Nada do que é simplesmente dado ou se acha à mão no interior do mundo serve para a angústia com ele se angustiar" (op.cit., p.250). "O mundo possui o caráter de total insignificância"(op.cit.250).



Se na angústia, o ameaçador não se encontra em lugar algum (e aqui poderíamos retornar Às considerações de Simondon quanto à condição essencialmente difusa da angústia) e se a própria angústia não sabe o que é aquilo com que se angustia, é porque o mundo como tal é seu objeto e aí, então, afirma Heidegger, "o angustiar-se abre, de maneira originária e direta o mundo como mundo" (op.cit., p.251). Quando Simondon coloca que na angústia se observa uma espacialização crescente e uma aderência do sujeito ao mundo, não estaríamos próximos das colocações de Heidegger, na medida em que esta afirma que a angústia se angustia com o próprio ser-no-mundo e na medida em que ela promove uma abertura, que leva, enquanto disposição privilegiada que é, ao ser da pre-sença?

Sendo o referente da angústia a não-localização do ameaçador, ela produz a "abertura do mundo em geral", trata-se, portanto, do "nada" que não se revela "em parte alguma" e que aponta , conseqüentemente, para a "mundanidade do mundo" (com a concomitante insignificância do intramundano), ou seja, o "em parte alguma" se transforma, acreditamos, "em todo lugar". Estamos reiterando a proposta de Heidegger, já mencionada, relativa à abertura do mundo para o ser-em essencialmente espacial. O caráter difuso da angústia em Heidegger, no entanto, produz singularidade. Temos, então, um movimento de "superação" do mundo enquanto imersão no impessoal próprio à de-cadência e o direcionamento da pré-sença para o "seu próprio poder-ser-no mundo". Neste momento, abre-se à pre-sença a potencialidade da projeção para possibilidades. Ocorre, então, a produção de singularidade. "Naquilo pelo que se angustia, a angústia abre a pré-sença com ser-possível e, na verdade, com aquilo que , somente a partir de si mesmo, pode singularizar-se" (op.cit.,p.251/252).

Heidegger aponta, em suas considerações sobre a angústia, para o ser da pré-sença, portanto, para uma analítica ontológico-existencial que, ao mesmo tempo, situa a pre-sença como não essencialista, ou seja, como ser-no-mundo.

É importante, neste momento, ressaltar também, que Heidegger não concebe a angústia como resultante de um movimento intelectual prévio de abstração do ente intramundano que levaria a pensar o mundo, ao contrário, a angústia é um modo de disposição que "abre o mundo como mundo", portanto, é a partir do mundo como tal (ou do nada) que a angústia surge. E é exatamente por isto que a angústia não se angustia com um modo determinado de ser, mas com a projeção para possibilidades (singularização) que indica o "ser-livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo". "A angústia arrasta a pré-sença para o ser-livre , para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é"(op. cit., p. 252)

Quando Heidegger coloca que, através da angústia, a pré-sença se singulariza como ser-no-mundo e, portanto, retirando a pré-sença da familiaridade cotidiana ("o empenho de-cadente no mundo"), está, ao mesmo tempo, tentando esclarecer a que se refere a fuga inerente à pré-sença. Esta foge para o familiar, ou seja, para o ente intramundano, para o "sentir-se em casa".A pre-sença, portanto, busca fugir, desviar-se da estranheza que esta condição propicia e que lhe instiga no sentido da singularidade. O que a pré-sença busca é atenuar a inquietação proveniente da responsabilidade relativa à propriedade de seu ser e que, no entanto, jamais é alcançada, apesar da "perda cotidiana no impessoal". "Essa estranheza persegue continuamente a pre-sença"(op.cit., p.253).

A pre-sença em seu ser é, essencialmente, para Heidegger, inquietação. É interessante ressaltar como Heidegger define o modo cotidiano de compreensão da estranheza pela pre-sença. é exatamente através do já mencionado desvio para a de-cadência, que visa esconder a não familiaridade, esta sim simultânea à angústia e "constituição da pré-sença como ser-no-mundo"(op.cit., p.253). " O não sentir-se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário"(op.cit.,p.254).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nesse sentido, o “ser-no-mundo tranquilizado e familiarizado” é que se revela como estranho, ou melhor, como uma percepção da estranheza pela pré-sença, na medida em que é de-cadente, isto é, fuga de si mesma. A angústia é, então, latente, disposição fundamental que determina o ser-no-mundo e que abre possibilidade para a “apreensão explícita da totalidade originária da pré-sença” (op.cit., p.245). Esta condição de latência é que torna possível o que Heidegger define como “o disparo psicológico da angústia”. “O disparo psicológico da angústia só é possível porque a pré-sença no fundo do seu ser se angustia”(op.cit,p.254).

Referências

HEIDEGGER, M. *Ser E Tempo* . Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. “Identidade e diferença-o princípio da identidade e a contribuição onto-teo-lógica da metafísica” *In Os Pensadores* . São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SIMONDON, G. *L'individuation psychique et collective : à la lumière des notions de forme, information, potentiel et metastabilité*. Paris: Aubier, 1989.